

## A importância da escola para os alunos que vivem no campo

Ana Claudia Santos Pinto<sup>1</sup>;  
Rosangela Valachinski Gandin<sup>2</sup>.

### RESUMO

Todo trabalho de educação, tem que estar voltado exclusivamente para os interesses da comunidade envolvida, na qual a política educacional do Paraná vem possibilitando uma visível e satisfatória mudança no âmbito de minimizar a diversidade no ensino aprendizagem.

O desafio é fazer investigação-ação no campo, podendo objetivar o surgimento de novas perspectivas. Buscar inovações sociais e políticas mais significativas, como a luta pela sustentabilidade econômica, os enfrentamentos de natureza estrutural em relação aos projetos governamentais, o que cria mais possibilidades de trabalhar com uma investigação-ação crítica e emancipatória.

Quando trabalhamos com investigação-ação, trabalhamos numa espiral auto-reflexiva, onde o ciclo está no planejamento, na ação, e na análise dos resultados dessa ação. A investigação-ação pode fornecer um esboço teórico-prático para as transformações educacionais e sociais fazendo-se necessário que todos os envolvidos, reconheçam-se como sujeitos e agentes das mudanças desejadas. Tais transformações educacionais nascerão no campo, resultando como produto do trabalho social estabelecendo contradições de continuidade, pois com o tempo, o espaço se torna complexo e, com a comunicação entre os grupos sociais, o espaço ultrapassa o local, tornando-se universal. Durante muito tempo na história da educação brasileira, os povos do campo foram tratados como sujeitos à margem do

---

<sup>1</sup> Educando do Curso de Especialização em Educação do Campo-EaD, Universidade Federal do Paraná, Pólo UAB de XXX, e-mail: tal.

<sup>2</sup> Educador Orientador, UFPR Litoral.

processo social – cultural, econômico, educacional e político. Face ao exposto, será apresentado um estudo com estudantes de uma escola pública de Paranaguá, região litorânea do Estado do Paraná, que procurou investigar a partir do olhar dos alunos, qual é o papel da escola em seu cotidiano e através da educação levar o conhecimento científico a essas comunidades sem deixar de analisar a concepção de educação no campo na cidade de Paranaguá.

**Palavras-chave:** educação no campo, desigualdade social, movimento social, experiência educacional.

## 1- CONTEXTO

A educação no campo tem sido amplamente discutida no Brasil, a LDB 9394/96, reitera a educação como um direito social, a Constituição Brasileira em seu artigo 5º expressa que “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantir aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à segurança [...]”.

A escola é um dos lugares de aprendizagem e é de fundamental importância que os sujeitos sejam compreendidos desde a sua origem. No Brasil a partir da última década vem sendo discutida a diversidade sociocultural, onde esse reconhecimento se deu a partir das lutas sociais e políticas de muitos movimentos sociais do campo e da sociedade.

A educação do campo vem conquistando espaço, nos últimos anos, nos debates e nas políticas educacionais no Brasil. Tal fato merece nossa reflexão, diante do contexto em que ele se manifesta. Observamos a continuidade do êxodo rural, iniciado no século passado e intensificado nas décadas de 1960 e 1970. “Historicamente, o campo sempre foi deixado de lado. Chegamos a um ponto em que as únicas políticas para a zona rural foram fechar as escolas e eventualmente

transportar as crianças”, critica o professor José Marcelino de Rezende Pinto, da Universidade de São Paulo.

"A ausência da oferta de escolas às comunidades rurais é a negação do direito ao acesso à educação. Ainda há no imaginário brasileiro a ideia de que o campo não demanda políticas públicas, de que não se deve gastar dinheiro porque vai acabar. Mas o que a realidade mostra é que, pelo contrário, há um processo de dinamização das áreas rurais", afirma Mônica Molina. Em 2009, análise do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) sobre os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) revelou que a escolaridade média da população de 15 anos ou mais no Brasil na zona rural é de 4 anos e na zona urbana é de 8,6 anos.

A educação do campo não emerge no vazio e nem é iniciativa das políticas públicas, mas emerge de um movimento social, da mobilização dos trabalhadores do campo, da luta social. É fruto da organização coletiva dos trabalhadores diante do desemprego, do trabalho precário e da ausência de condições materiais de sobrevivência dessa população.

O trabalho iniciado em 2003 pelo Governo do Paraná levou melhorias às escolas rurais que beneficiaram milhares de estudantes. As experiências educacionais (escolas, programas e currículos especiais, campanhas nacionais) voltadas para a população rural, começaram a ocupar espaço na problemática educacional. Entre os anos de 2000 e 2008 houve um crescimento de 33% no número de escolas, atualmente a rede estadual de ensino do Paraná tem 49,8 mil estudantes matriculados em 423 escolas rurais, que incluem unidades em ilhas, acampamentos, quilombos e itinerantes.

Mesmo com a expansão quantitativa da escola rural a educação continuou precária, pois não conseguiu garantir escolaridade mínima fundamental ao homem do campo onde a inclusão na escola tem sido debatida como um elemento fundamental para repensar os processos pedagógicos, a organização escolar e o reconhecimento dos sujeitos: educando, educadores, gestores e comunidades que lá se encontram para que todos tenham acesso à educação ao longo da vida.

Os estudos sobre as desigualdades educacionais propriamente ditas surgem como temática de pesquisas na Educação no início dos anos de 1970. Seguindo as principais correntes metodológicas e epistemológicas da época. Nesse período destacaram-se os estudos da Sociologia Francesa da Educação, quais se caracterizavam pelas abordagens macro-sociológicas direcionadas principalmente por métodos estatísticos e análises sistemáticas de um universo de indicadores sociais e educacionais (BOUDON, 1981, p).

De acordo com Baudelot; Establet (1971, p.43) “As pesquisas de 1970 buscavam principalmente compreender as desigualdades sociais perante a escola. Analisavam o papel da escola em função da posição das famílias dos alunos nas relações de produção econômica”. Nesse sentido, algumas pesquisas se voltaram para compreender a estrutura de distribuição do capital cultural, contribuindo com o entendimento das relações subjetivas e simbólicas. Na busca de explicações sobre o aumento das desigualdades sociais e da pobreza, ou para alguns, a “nova pobreza” do capitalismo, emergem duas retóricas principais a fim de explicar a relação entre educação e as desigualdades sociais. O primeiro discurso colocava a produção das desigualdades sociais como um problema estrutural, logo questões dimensões como o desemprego e a precariedade dos jovens, seria uma consequência da falta de adequação entre formação e emprego. Esse discurso defende que a escola produziria uma formação não adaptada de profissionais, ou de baixo desempenho para o trabalho ante as necessidades e demandas do sistema de produção, ou seja, diante das exigências econômicas por parte das empresas e das indústrias.

A outra retórica diz respeito à necessidade crescente de qualificação, esta produziria então muitos diplomas de ensino geral e diplomas especializados, porque essa necessidade seria a responsável por introduzir uma rigidez ao acesso dos jovens ao emprego, causando então a exclusão social, daí bastaria que todos tivessem a maior escolaridade possível para ser incluso no mercado laboral.

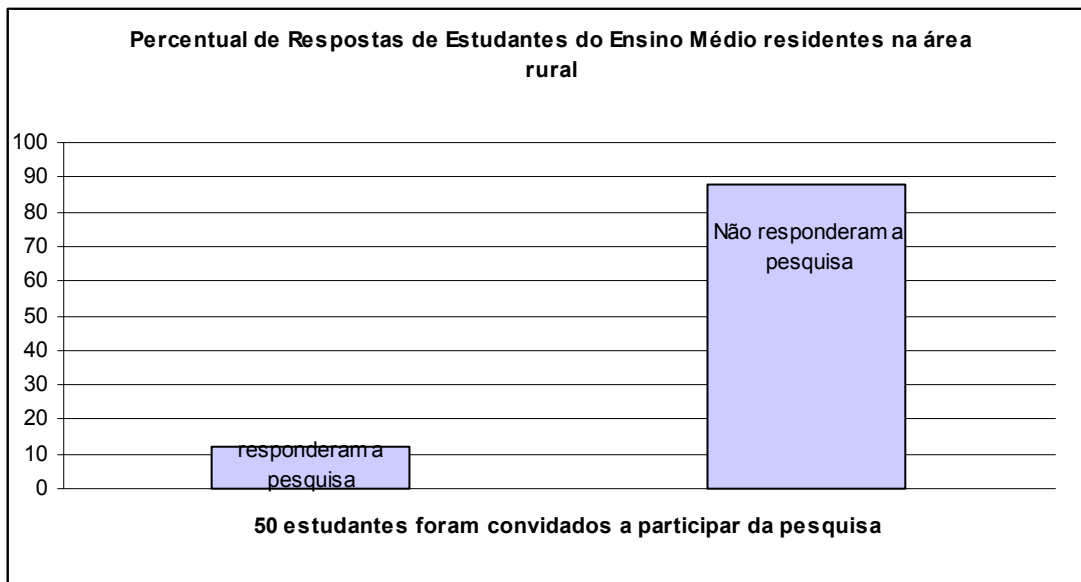
Em relação à obrigatoriedade de Ensino no Brasil, na zona rural 33,3% possuem ensino médio e 3,4% possuem ensino superior, na zona urbana 54% possuem ensino médio e 18% ensino superior.

## **2- DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA**

Os alunos escolhidos têm em média 15 e 22 anos estudantes do ensino médio de uma escola pública da cidade de Paranaguá, oriundos de colônias e ilhas localizadas nas proximidades da cidade.

Foram observados 120 alunos presentes nas três séries do ensino médio, onde aproximadamente 50 alunos não moram em Paranaguá e sim nas ilhas e colônias próximas sendo que os 70 alunos restantes residem na cidade de Paranaguá. Procurou-se através das perguntas (anexo I) criar um ambiente de troca de informações, objetivando a construção do conhecimento científico partindo do conhecimento cotidiano e do contexto sócio-cultural de cada um deles porque é na perspectiva interacionista que o professor realiza a mediação entre os conhecimentos prévios até o científico.

A seguir segue transcrição de algumas das respostas encontradas neste estudo, sendo que 88% dos alunos se recusaram a responder por medo de serem identificados e até mesmo por vergonha de estarem inseridos neste contexto, conforme ilustra o gráfico a seguir:



A seguir foram transcritas as respostas dos 6 alunos oriundos da zona rural, ou seja, 12% dos estudantes que participaram da pesquisa.

Aluno A - Estudar é apenas um cumprimento de um dever, venho à escola porque minha mãe obriga não gosto de estudar.

Aluno B - A escola é um ponto de encontro vejo meus amigos converso afinal não tem nada pra fazer em casa.

Aluno C - Gosto de estudar e quero ser médica, procuro aprender tudo o que o professor ensina, mas não entendo o que muitos vêm fazer na escola.

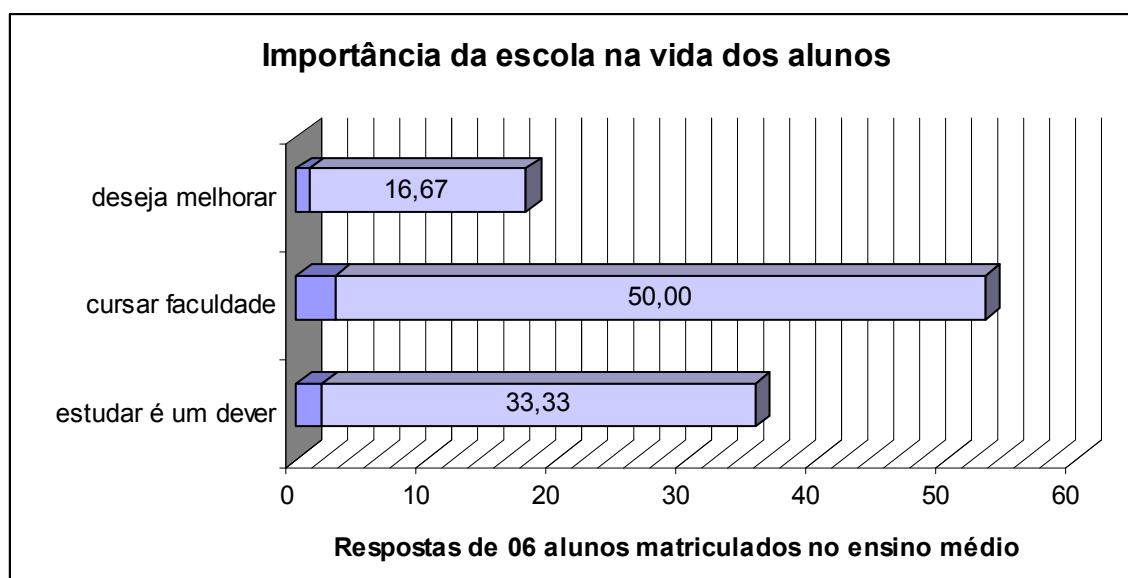
Aluno X - Venho da ilha de barco todos os dias e chego cansado na escola pra aprender, meus pais são simples e quero melhorar.

Aluno Y – Saio de casa todos os dias as 06h00min, sabem que estudar é importante, mas vejo um monte de coisas que nem sei se vou usar depois, onde moro não tem nada de interessante, quero fazer uma faculdade.

Aluno Z – Aproveito pra namorar e estudar também, pois meu pai não deixa sair pra lugar nenhum, meu sonho é fazer faculdade.

As etapas vivenciadas durante esse processo de ensino-aprendizagem passaram por aquisições de informações, e com elaboração da interpretação individual do aluno, onde cada um apresenta sua necessidade e seu interesse de modo que tanto o professor quanto o aluno vivenciam um processo que assegura a troca de experiências.

### 3- CONSIDERAÇÕES



A educação no campo é caracterizada como um espaço de precariedade por descasos especialmente pela ausência de políticas públicas para as populações que lá residem. Esta situação repercute na realidade social dos alunos, a ausência de estradas apropriadas, falta de atendimento adequado à saúde, de assistência técnica; e o não acesso à educação básica e superior de qualidade, entre outros.

Quanto aos alunos que compõem esta realidade social na coleta de dados muitos deixaram claro que não fazem parte desse contexto, para alguns jovens morar no campo é sinônimo de falta de informação, vergonha e piadas, nos deparamos com adolescentes desorientados frente aos desafios e incertezas da contemporaneidade, e tem se agravado com o processo de alienação e pelo pensamento provocado pelas experiências vivenciadas pelos que residem na cidade. A falta de condições dignas, necessárias à sobrevivência e de escolas tem dificultado a escolha entre permanecer ou não no campo, podendo ser observadas nas respostas dos alunos c, y e z, 50% desejam obter o diploma de curso superior o que pode-se deduzir hipoteticamente que não desejam trabalhar com profissões ligadas ao campo, 1% sentem-se envergonhados de morarem no campo e 25% acreditam que através escola é a única maneira de modificar o cenário no qual estão inseridos e até mesmo retornar a comunidade para prestar assistência aos que precisam.

Numa visão atualizada de desenvolvimento, destacam-se como elementos centrais a redução das desigualdades sociais e regionais, a ampliação da participação social, a universalização dos direitos fundamentais, a distribuição da renda, a soberania nacional, a segurança alimentar e nutricional, a reforma agrária, a conservação da biodiversidade e convivência com biomas, a promoção da igualdade de gênero, raça e etnia, a orientação sexual, a visão ampliada e crítica sobre o rural, o caráter intersetorial do desenvolvimento, a abordagem territorial e reconhecimento e garantia dos direitos dos povos e comunidades tradicionais.



## **ANEXO**

Questionário apresentado aos alunos:

- 1- Qual a importância da escola em sua vida?
- 2- Qual a escolaridade média em sua família?
- 3- Qual o meio de locomoção até a escola?
- 4- Do que se dá o sustento de sua família?
- 5- Você consegue relacionar o conhecimento que obtém na escola com seu dia a dia?
- 6- O que pretende fazer depois que concluir o ensino médio?
- 7- Qual a sua contribuição como cidadão no local onde você vive?
- 8- Qual seu objetivo na vida?

## **REFERENCIAS**

BOUDON, R, A desigualdade das oportunidades: A mobilidade social nas sociedades industriais, Brasília: editora UNB;

BRAGA, Jose Luis, CALAZANS, Maria Regina, Comunicação e educação: questões delicadas na interface. São Paulo: Hacker, 2001;

Comunicação e Educação IN: WERTHEIN, Jorge, DIAZ, BORDENAVE, Juan. Educação Rural no terceiro mundo: Experiências e Novas alternativas. São Paulo: Paz e Terra, 1992;

DIAZ BORDINAVE, Juan. O que é comunicação rural? São Paulo: Brasiliense, 1983;

DUBET, François. As desigualdades multiplicadas, Unijui, 2003;

FREIRE, Paulo, Educação como pratica da liberdade, 17 Ed RJ, Paz e terra 1979;

FREIRE, Paulo, Pedagogia do Oprimido, 17 Ed RJ, Paz e terra 1983;

GOMES, Pedro Gilberto. Comunicação e Educação: Uma relação conflitiva Verso & Reverso, jul/ dez 1997;

LDB- Lei de Diretrizes e Bases – lei 9394/96 de 20 de Dezembro de 1996;

Artigo 5º da Constituição Federal

Revista Educação, Edição 163 – Desigualdades no Campo no Estado do Paraná

Plano Nacional de Educação - Projeto de Lei n. 4.173/98